



## A Representação da Mídia no Jornal Sem Terra (JST).<sup>1</sup>

Felipe Viero Kolinski Machado<sup>2</sup>  
Márcia Franz Amaral<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

### Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que modo o Jornal Sem Terra, principal publicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, representa a mídia. Para isso, foi feita a análise de quatorze edições desse periódico, a partir de categorias em que as sequências discursivas ligadas à mídia foram enquadradas, de acordo com as similitudes de seu sentido e, por fim, esses dados foram comparados e examinados, com o intuito de responder aos questionamentos que deram origem à pesquisa.

### Palavras-chave

Representação; Mídia; MST.

### 1. Introdução

Os estudos na área da Comunicação Social tornam-se cada vez mais relevantes e necessários para um pleno entendimento dos modos de organização da sociedade contemporânea. Pierre Bourdieu, em uma de suas principais obras, define o Campo Jornalístico como sendo sujeito às exigências do mercado, e exercendo, através de seus mecanismos, uma influência crescente sobre os outros campos, modificando “mais ou menos profundamente as relações de força no interior dos diferentes campos” (BOURDIEU, 1997: 101).

A esse fator, agregam-se as ideias da mídia como uma das principais instâncias legitimadoras da sociedade, por meio da visibilidade que é dada a determinado assunto

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Acadêmico do 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social dessa mesma universidade e integrante do Grupo de Estudos de Jornalismo, ligado ao CNPq. E-mail: [felipeviero@yahoo.com.br](mailto:felipeviero@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação e da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Mestrado em Comunicação e tutora do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [marciafranz.amaral@gmail.com](mailto:marciafranz.amaral@gmail.com)



quando esse é lançado na Esfera Pública, bem como a perspectiva que vê a mídia como construtora da realidade.

Sobre o conceito de Esfera Pública, vale mencionar que ele deve ser compreendido, nesse trabalho, como sendo:

Uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomada de decisões e opiniões, onde os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados a ponto de se condensarem em opiniões públicas enfiadas em temas específicos. (HABERMAS apud FERNANDES,2000).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) possui veículos de comunicação próprios, os quais objetivam alcançar um público específico, que seja condizente com as suas políticas e que apoie as suas ações. Por meio desses canais, em específico o Jornal Sem Terra (JST), publicação mais antiga e que está disponível na *home page* do movimento<sup>4</sup>, a mídia torna-se uma pauta recorrente. Sendo o MST um movimento social muito expressivo no país e considerando o JST como o seu principal meio de comunicação, a análise das representações ali criadas e incorporadas configura-se como uma estratégia viável para a definição do modo através do qual determinado assunto, no caso é mídia, é encarado pela lógica do movimento. Esse trabalho visa à essa definição.

## **2. As Representações criadas e incorporadas pela Mídia**

Parte-se, aqui, do pressuposto de que os meios de comunicação veiculam sempre uma representação da realidade. Com isso, busca-se esclarecer que o Campo Jornalístico está, naturalmente, impregnado de valores subjetivos e que, inevitavelmente, o jornalista, ao escrever um texto, seja para um meio hegemônico, seja para um meio alternativo, fará isso sob determinada ideologia e sob a influência da posição específica que ele ocupar nesse campo.

Isso é destacado por Soares (2007) que afirma que as representações estão no meio de qualquer ação especificamente humana, uma vez que o próprio pensamento é uma atividade representacional. As próprias palavras são, na opinião do autor, a representação de um conceito e, portanto, uma construção. Merece destaque, além disso, a noção de que as representações não se restringem ao âmbito do “mental”. Elas deixam marcas materiais, o que é levantado por Woodward:

---

<sup>4</sup> <http://www.mst.org.br/mst/index.html>



A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. (WOODWARD, 2000.)

Stuart Hall destaca, ainda, o papel dos meios de comunicação no processo de significação social:

Nesse espectro teórico, os media são responsáveis por prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes. Essas imagens, representações esparsas e fragmentadas da totalidade social, acabam construindo um todo coerente, o imaginário social “(...) através do qual nós percebemos os ‘mundos’, as ‘realidades vividas’ dos outros e, imaginariamente, reconstruímos suas vidas e as nossas em algum ‘mundo por todos’ inteligível, numa ‘totalidade vivida. (HALL, 1977, p. 341 apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 63)

A partir dessa definição de Hall, observa-se, também, o papel ativo do receptor na relação de comunicação. Aponta-se que, embora os media desempenhem um papel fundamental nesse processo, cabe ao destinatário da mensagem reconstruir aquilo que lhe é passado. Os meios fornecem imagens. O público as utiliza para compreender aos que o cercam e a si mesmo.

### **3. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**

De acordo com Fausto Neto (apud SANTI, 2009)<sup>5</sup>, “a expressão Movimentos Sociais designa processos instáveis, de organizações e ações distanciados em relação aos aparelhos do Estado”. Considerando tal premissa, pode-se inferir que tais processos surgem a partir da insatisfação de determinado grupo em relação a determinada situação, o que é confirmado por Christa Berger (apud SANTI, 2009) ao afirmar que “a cultura dos movimentos sociais é do conflito e da solidariedade; da carência da escassez e da falta, e é ela que subsidia a possibilidade da reunião e da capacidade de rebelião.”

A definição do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), como movimento social, justifica-se pelas desigualdades geradas pelo desenvolvimento de uma agricultura capitalista. De acordo com Berger (1996), isso pode ser feito “a partir de sua inserção como tema de sociologia rural (anos 80), quando a ênfase não é agricultura e sua economia, mas as relações sociais no campo”.

---

<sup>5</sup> Vilso Junior Chierentin Santi, ligado ao Grupo de Estudos de Jornalismo, defendeu a dissertação intitulada “As Representações no Circuito das Notícias: O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no Jornal Zero Hora”.



Considerando-o, portanto, como sendo um movimento social, o MST, do modo como ele se configura hoje, possui suas origens na década de 1980. Ações significativas, como ocupações, ocorreram em 1979, e em 1980, mas foi em 1981 que as lideranças passaram a se reunir e, conseqüentemente, realizaram o I Encontro Nacional dos Sem Terra, em 1984. Em 1985, o movimento é oficializado no I Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra.

O Jornal Sem Terra (JST), objeto de análise desse trabalho, surge antes da oficialização do movimento. O JST é escrito, pela primeira vez, em 1981, no Rio Grande do Sul, salientando a intenção de se criar um movimento que possuísse uma só voz. Depois, com a unificação do movimento, em meados dessa mesma década, a redação do jornal, que se torna veículo oficial do MST, é transferida para São Paulo, onde esse passa a ser escrito por militantes de diversas regiões e editado por um jornalista.<sup>6</sup>

#### **4. Metodologia do Trabalho**

Buscando-se estudar as representações veiculadas pelo Jornal Sem Terra em relação à mídia (de um modo geral), analisou-se, entre os meses de janeiro de 2007 e maio de 2008, as edições desse jornal que foram publicadas no *site* oficial do movimento. Das dezessete edições (a periodicidade é mensal), três não estavam disponíveis no *site* no período de coleta do material, de modo que não foram analisadas. O período de análise foi aleatório, fazendo parte de uma pesquisa maior, a Dissertação de Mestrado de Vilso Júnior Chierentin Santi, defendida em fevereiro de 2009.

A partir da leitura de cada uma das quatorze edições, que compuseram o *corpus* do trabalho, foram criadas tabelas, onde se transcreveram as sequências discursivas (SD) referentes à mídia. Com o intuito de organizar os dados dessas tabelas e facilitar a posterior análise das sequências discursivas, foram estabelecidas três categorias nas quais essas poderiam ser enquadradas, de acordo com os seus sentidos.

Essas categorias foram: Favorável, para as situações onde as SD apresentavam um posicionamento positivo em relação à mídia; Desfavorável, para as situações onde as SD apresentavam um posicionamento negativo em relação à mídia e Tensionada, para as situações onde as SD apresentavam uma posição ambivalente em relação à mídia.

---

<sup>6</sup> Informações obtidas em entrevista realizada com o Coordenador de Comunicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra Miguel Stedile, em outubro de 2008.



As tabelas utilizadas continham os seguintes dados: endereço eletrônico de onde a SD foi retirada (sempre o *site* oficial do MST), data de publicação, editoria na qual ela foi escrita, título, trecho (SD) que menciona a mídia e um espaço reservado para eventuais observações do pesquisador.

O exemplo de uma tabela está em anexo, ao final do artigo.

## 5. Análise das Sequências Discursivas

Ao realizar a leitura dos jornais, observou-se que, em quatorze edições, a mídia foi citada cinquenta e uma vezes. Tendo um espaço limitado, e devendo abordar os principais assuntos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ocorridos em um período mensal, observa-se que os meios de comunicação, sob um ponto de vista geral, configuram-se como uma das principais pautas do JST.

Dessas cinquenta e uma sequências discursivas, oito delas foram consideradas favoráveis em relação à mídia, o que representa, em relação ao número total de sequências, 15,68%. Matérias que se valiam de outros veículos para defender um ponto de vista foram incluídas nessa categoria.

A SD6, favorável à mídia, exemplifica os dados acima:

Rubens Ometto Silveira Mello ocupa o 488º lugar na lista dos homens mais ricos do planeta, *segundo* a revista estadunidense Forbes. (Jornal Sem Terra, ed. 271, abril 2007).

Bem como a SD16:

Em 2005, a fortuna desses bilionários ficou em 540,5 bilhões de dólares. Em menos de dois anos, o seletivo grupo se apoderou de 32,5 bilhões de dólares. Esses números fazem parte de um estudo realizado pela Receita Federal e *divulgado pela mídia*. (Jornal Sem Terra, ed. 274, julho 2007).

Do total de sequências restantes, oito foram definidas como Tensionadas, por possuírem um caráter ambivalente. As oito sequências discursivas representam 15,68% do total.

A SD3 exemplifica a definição do conceito e representa as demais:

Segundo o comitê organizador, havia 46 mil inscritos, mas a imprensa divulgava entre 15 e 20 mil participantes, e de fato quem estava lá viu que, neste caso, *a mídia divulgou números reais*. (Jornal Sem Terra, ed. 270, março 2007).

Assim como a SD35:



Aprofundar o debate sobre o papel dos meios de comunicação controlados pela burguesia, no atual estágio da luta de classes:

- a) Debater o uso melhor da internet como instrumento de luta político-ideológica;
- b) Como usar melhor o rádio e as TVs comunitários na luta de massas;
- c) Como massificar e distribuir o Jornal Sem Terra, Revista Sem Terra e Jornal Brasil de Fato; (Jornal Sem Terra, ed. 278, dezembro 2007).

As sequências discursivas desfavoráveis à mídia, contudo, foram as predominantes no veículo.

Das cinquenta e uma sequências discursivas, trinta e cinco representaram à mídia de algum modo negativo, o que representou 68,62% do total.

Na SD5 pode-se observar um exemplo:

*Os mitos precisam ser veiculados pela grande imprensa. Mas, só a mídia não basta. No governo Lula, o Estado, particularmente através da Petrobrás, assume o papel de endossar (seria melhor dizer adoçar) a reatualização do passado representado pelo agronegócio. (Jornal Sem Terra, ed. 271, abril 2007).*

A SD40 também pode servir como modelo:

*Enquanto a mídia e os seus mercenários rezam pela morte de Fidel Castro e especulam sobre a regressão capitalista de Cuba, intelectuais sérios tentam analisar os efeitos da decisão do líder cubano de deixar a presidência do Conselho de Estado.(Jornal Sem Terra, ed. 279, janeiro 2008).*

## **6. Conclusões**

A partir dos dados numéricos e dos exemplos que os ilustram, concluiu-se que o Jornal Sem Terra, ao menos durante os meses analisados, representou, em mais da metade das vezes, a mídia de uma forma negativa.

Nas vezes em que a mídia foi representada de modo positivo, foram feitos elogios à sua conduta (relacionada àquele momento em específico). O tipo de mídia que foi elogiada, em geral, foi a de caráter comunitário, inserida em outro contexto e, portanto, sujeita a menos influências econômicas. Em outros casos, conforme ilustraram as citações acima, a mídia foi usada como fonte de referência. Nesses casos, o jornal lhe conferiu credibilidade, usando, inclusive, seus dados como fiéis à realidade.

Nas situações em que a SD foi considerada tensionada, a mídia foi apresentada de modo ambivalente, com pontos positivos e negativos. Algumas vezes, por exemplo, salientou-



se a importância dos veículos comunitários e criticou-se a mídia hegemônica. Em outras, deixou-se claro que uma cobertura imparcial e honesta havia sido algo pontual, uma mera exceção à regra.

Quando as SDs foram desfavoráveis, o que ocorreu na maior parte das vezes, a mídia foi definida, em linhas gerais, como antidemocrática, favorável ao capitalismo e parcial em suas coberturas. Aí, notou-se um descrédito nos veículos comerciais, o que refletiria, talvez, um descrédito no sistema dos quais eles fazem parte, que seria o capitalismo.

Vale salientar, então, que muitas vezes, o JST considerava equivocado aquele discurso midiático que se opusesse à sua ideologia, de modo que, em alguns casos, o discurso apontado como falso ou errado era aquele que não apoiava as suas ações, seguindo uma lógica, ou um viés ideológico, que não fosse condizente com o do MST.

Desse modo, chegou-se a conclusão de que o jornal não percebe na mídia tradicional um lugar de conflitos permanentes. Parece que ao mesmo tempo em que o JST critica uma cobertura parcial, favorável ao modelo capitalista, ele aplaude uma outra cobertura parcial, desde que favorável à reforma agrária.

Foi possível, ao final do trabalho, determinar que os pontos de vista ligados à mídia, apresentados pelo Jornal Sem Terra, parecem desconhecer a lógica do jornalismo diário tradicional, que está ligado diretamente ao resultado de uma série de disputas de sentido que ocorrem em todo o circuito da notícia, não se restringindo, portanto, à produção da informação, mas também ao seu consumo e a sua influência nas culturas vividas.

### **Referências bibliográficas**

BERGER, C. **Campos em Confronto: Jornalismo e Movimentos Sociais - As Relações entre o Movimento Sem Terra e a Zero Hora.** Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/berger-christa-campos-4.html> > Acesso em: 15 de abril de 2009.

BOURDIEU, P. **Sobre televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ESCOSTEGUY, A.C. D. **Cartografia dos estudos culturais:** uma versão latinoamericana. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERNANDES, A. B. **A mídia e os fluxos comunicativos do espaço público.** Geraes (UFMG), Belo Horizonte, v. 51, n. 51, p. 53-61, 2000.

**JORNAL SEM TERRA,** São Paulo (SP), março de 2007.



**JORNAL SEM TERRA**, São Paulo (SP), abril de 2007.

**JORNAL SEM TERRA**, São Paulo (SP), julho de 2007.

**JORNAL SEM TERRA**, São Paulo (SP), dezembro de 2007.

**JORNAL SEM TERRA**, São Paulo (SP), janeiro de 2008.

**JORNAL SEM TERRA**, São Paulo (SP), abril de 2008.

SANTI, V. J. C. **As representações no circuito das notícias: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra no jornal Zero Hora**. 2009.218f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

SOARES, M. C. **Representações da cultura mediática: para a crítica de um conceito primordial**. In: XVI Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS, 2007, Curitiba. ANAIS; COMPÓS-UTP. Curitiba: COMPÓS-Universidade Tuiuti do Paraná, 2007.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença*. Vozes, Petrópolis, 2000.

**Anexos**





Site - Veículo	Data	Editoria	Título	Trecho que menciona a mídia	Obs.
<a href="http://www.mst.org.br/mst/jornal_pagina.php?ed=44&amp;cd=3593">http://www.mst.org.br/mst/jornal_pagina.php?ed=44&amp;cd=3593</a>	24/5/07	Editorial	Avançar com a luta	. A repressão e a criminalização da luta pela Reforma Agrária era sustentada e, muitas vezes, incentivada por setores do Poder Judiciário. Por último, coube à mídia promover seguidos ataques à nossa luta.	
<a href="http://www.mst.org.br/mst/jornal_pagina.php?ed=44&amp;cd=3594">http://www.mst.org.br/mst/jornal_pagina.php?ed=44&amp;cd=3594</a>	24/5/07	Entrevista	Um problema a ser resolvido	Obviamente, não existe por parte da classe patronal, latifundiária e da mídia, interesse em ter um conhecimento sólido da situação fundiária brasileira.	